

A Crítica do Livro

por Oscar Lopes

José Cardoso Pires — Histórias de Amor, Lisboa, 1952

Manuel Mendes — Estrada, Lisboa, 1952

Narino e Silva, Lisa Pina de Moraes, Júlio Graça, Bárbara Gomes,

Sousa Marques — Mosaico, Lisboa, 1953

beleicida e necessária entre o desenvolvimento linear do enredo e a ordem segundo a qual precisamos dos dados que nele concorrem. Eis uma mestria formal a exigir doravante aos nossos contistas que ainda invariavelmente precisem de um ou dois parágrafos de preparação no início de cada história ou até de cada péripécia.

É fácil ver onde foi Cardoso Pires aprender a técnica de contar os seus casos sem preâmbulos nem poses fotográficas do velho estilo:

a short story americana. E é fácil porque se pegaram a um tão excelente processo algumas substâncias de que dispensaríamos a naturalização portuguesa. Não que eu pretenda que o RITUAL DOS PEQUENOS VAMPIROS, para certas pessoas a mais chocante destas HISTÓRIAS DE AMOR, seja um caso de puro gangsterismo Yankee transplantado à força para Portugal. Pelo contrário, acho muito mais provável que o autor se tenha inspirado em qualquer dos casos de abuso de uma mulher por um bando de celerados que os nossos jornais já têm noticiado na secção criminal. A presença de um negro entre os degenerados — isso sim, parece-me sugestão americana, e talvez proveniente não tanto da short story como desses filmes ou romances policiais em que o simpático herói de puro perfil anglo-saxónico se opõe à malta criminoso recrutada num pretense vasculho de raças. Cardoso Pires não deve ter reparado nesta infeliz sugestão de pormenor que possivelmente recebeu e transmite.

Outro provável estigma dessa influência, no que ela tem de criticável, reside a meu ver na sexualidade crua dos temas. Não o posso apontar sem prestar, entretanto, uma homenagem devida à parte que o autor realizou acertadamente das intenções um tanto obscuramente expostas no prefácio. O livro consegue em três dos quatro contos e na novela da «Rapariga dos fósforos» o objectivo proposto de arrancar os problemas do amor ao esquema batido de ele, ela mais a impeditiva terceira personagem, e o de arrancar a mulher ao preconceito que a solidariza apenas com os filhos, a cozinha e a costura. Há porém, outro preconceito de que a não arranca, pois a problemática intencional de uma obra de arte é uma coisa, e a sua carga de impressões é outra. A mulher destes contos de Cardoso Pires pode dizer-se que é mais do que o ser que amamenta, cose e cozinha — mas, aparentemente, sem razões de ser na vida que não exijam posição horizontal. Quanto ao seu efeito impressivo, WEEK-END e ROMANCE COM DATA são o mesmo breve encontro erótico, embora fiquemos nebulosamente informados de que os problemas dele e dela diferem entre um e o outro conto; fora desse encontro sensual, a primeira história desfaz-se num halo de poesia lírica, e o segundo, pela sua construção, pela ignorância recíproca das preocupações (por sinal paralelas) do seu par amante, não chega a criar a vivência daquele nobre companheirismo que é a única coisa capaz de dar aos segredos de alcova uma profunda psicologia, tornando-os como que o símbolo e a extrema intimidade atingível na comunhão humana. O amor sem companheirismo, o amor feito só de romantismo ou realismo solteiro conta-se entre as grandes frustrações que Cardoso Pires se sentirá chamado a vencer, quando amadurecer. A vencer, não apenas pela incriminação dos males (isto já o faz de modo notável em UMA SIMPLES FLOR), mas sobretudo pela experiência da camaradagem conjugal em condições e dramas tipicamente modernos e já susceptíveis de explicitação ficcionista.

Terceira e última reserva que, dentro dos ramos que ele se apontou, aponto ao que suponho ser o aprendizado americano de Cardoso Pires: — uma certa preocupação excessiva com a técnica narradora. O contrapeso, afinal, da sua maior qualidade. Por forma alguma condeno a variedade e o tenteio de novos processos narrativos. Em UMA SIMPLES FLOR a narração paralela, em que o plano imaginário de uma leitura romântica feita pelo protagonista e o plano da realidade charra do seu ambiente conjugal alternam até ao fim, pode considerar-se bem lograda, embora talvez um tanto desconcertante para quem não haja lido o seu Hemingway. Mas já nos PEQUENOS VAMPIROS se sente o excesso de condensação narrativa do desfecho; e na novela da «Rapariga dos fósforos», de resto cheia

de delicadeza de toque e de humanismo, a atenção do leitor prende-se muito ao desporto de conectar cenas dadas como reais com os seus antecedentes e consequentes, dados como caricatamente conjecturais e desligados da ordem de sequência factual.

Em conclusão: HISTÓRIAS DE AMOR parecem-me uma experiência que não deve ser ignorada no progresso do seu género e um sinal de promissora crise de crescimento de contista e novelista que já em CAMINHEIROS (1950) nos dera um excelente livro, mobilizando até uma vida vivida muito mais variada em meios e casos do que agora. O uso mais discreto das novas conquistas temáticas e sobretudo formais, talvez conduza Cardoso Pires a um nível que o género ainda não atingiu entre nós.